

Análise comparativa entre o conto “A embaixada americana” e a canção “Diáspora”

Raira Melissa Pereira Moura¹

Ilauanna Teles Silva²

RESUMO

O presente trabalho trata-se de pesquisa bibliográfica que propõe uma análise comparativa entre o conto “A embaixada americana” (2017), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, e a canção “Diáspora” (2017) do trio musical brasileiro Tribalistas. Temos como objetivo principal, analisar a perspectiva diaspórica presente nos dois textos, e para isso, a primeira parte da análise prioriza o conto, e a segunda, a canção, ambos a partir de descrições contextuais e temáticas, que desembocam na parte seguinte: a relação entre os dois textos a partir de seus pontos temáticos convergentes e divergentes. Para tal, José Antônio dos Santos (2008) teoriza os debates sobre as questões diaspóricas, e Stuart Hall (2003) fornece a teoria acerca das discussões sobre identidade abordadas na análise. Arnaldo Franco Júnior (2009) embasa a teoria concernente ao tipo de narrativa presente nos textos em questão. O trabalho reforça as possibilidades de interpretação diante de análises literárias, o que nos faz compreender a impossibilidade de chegar a considerações finais, mas parciais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise comparativa; Perspectivas diaspóricas; Narrativa.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma proposta de análise comparativa entre dois objetos de pesquisa, sendo o primeiro o conto de Chimamanda Ngozi Adichie intitulado “A embaixada americana” (2017) o qual será comparado à letra da canção “Diáspora” (2017) do trio musical brasileiro “Tribalistas” composto por Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte, renomados artistas da Música Popular Brasileira (MPB). A escolha destes dois textos se justifica na perspectiva em que ambos narram um contexto em que há uma movimentação de pessoas saindo do país natal para um país estrangeiro por variados motivos. Tal movimento pode ser chamado de “diaspórico” conforme assinala José Antônio dos Santos em “Diáspora africana - paraíso perdido ou terra prometida”

¹ Graduanda do curso de Licenciaturas em Letras - Língua Inglesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia – Campus IV – Jacobina. Endereço eletrônico: raimelissa@hotmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/9610093274129939>.

² Professora Mestra do Curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus IV - Jacobina. Endereço eletrônico institucional: iteles@uneb.br. CV: <http://lattes.cnpq.br/6524395868135139>.

(2008). Além disso, as teorias de Arnaldo Franco Júnior presentes em “Operadores de Leituras da narrativa” (2009) dão suporte às discussões que envolvem as narrativas e as inferências relacionadas à canção as quais serão usadas a partir de fontes encontradas online. Para isso, além desta introdução, a presente proposta está pautada em mais quatro seções: sendo que a segunda é voltada para o conto “A embaixada americana”, em que apontamos seus aspectos da narrativa, provenientes das considerações de Franco Júnior a partir de seu texto “Operadores da narrativa” (2009); a seção seguinte é composta pelo detalhamento da canção “Diáspora” dentro do contexto atual. Estas duas seções contam com análises de excertos que enfatizam a temática comum aos textos analisados. Na penúltima seção, retomamos os aspectos das seções anteriores, por meio de comparação entre o conto e a canção, destacando os pontos em que essas duas produções se aproximam ou se distanciam em relação às características que corroboram na construção/formação da identidade das personagens, para tal, embasamos a discussão no texto “Da diáspora: Identidades e mediações culturais” (2003) de Stuart Hall, a fim de analisar as questões de identidade do indivíduo entrelaçadas às identidades coletivas. Tudo isso é seguido da última seção, sendo esta, as considerações finais, que atrelam os resultados dos estudos desenvolvidos nesta pesquisa, e as contribuições oportunizadas por ela.

2. O CONTO “A EMBAIXADA AMERICANA”

O conto “A embaixada americana” (*The American Embassy*) é o oitavo conto do livro “No seu pescoço” (*The thing around your neck*), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O livro foi publicado no Brasil em 2017 pela Editora Companhia das Letras, mas foi originalmente escrito em Língua Inglesa e publicado em 1977 pela Editora *Library and Archives Canada Cataloguing in Publication*, no Canadá.

“A embaixada americana” caracteriza-se a partir de um narrador cuja função é apenas contar a história sem participar dela. Este tipo de narrador pode ser chamado de *heterodiegético*, isto é, “aquele que não é co-referencial com nenhuma das personagens da diegese, [...] não participa, por conseguinte, da história narrada”. (FRANCO JÚNIOR, 2009, p.41). Isto pode ser confirmado a partir do seguinte trecho,

Ela estava na fila diante da embaixada americana em Lagos, olhando fixamente para a frente, quase imóvel, com uma pasta azul cheia de documentos enfiada debaixo do braço. (ADICHIE, 2017 p.67).

Este excerto é parte do primeiro parágrafo do conto, mais precisamente, é a primeira linha do conto e de imediato é possível inferir que este excerto serviu de embasamento para o título do conto. Nele, podemos observar o pronome pessoal “Ela”, o que reforça o tipo de narrativa em terceira pessoa. Além disso, cabe mencionar que esta referida mulher é também a personagem principal do conto, ainda que a mesma não receba um nome próprio no decorrer da narrativa. O mesmo acontece com o marido da protagonista, mencionado ape-

nas como “marido” ou pela sua profissão, jornalista. A autora, até então, nunca se posicionou publicamente diante da escolha em omitir estes nomes, deixando a interpretação livre aos seus leitores. Aqui, interpretamos tal fato como uma alusão a perda de identidade dos supracitados personagens, visto que a única descrição feita sobre eles, resultando conseqüentemente na construção de uma identidade, é a partir da posição social ocupada pelos mesmos. Para ela, a figura de uma mãe de um filho morto; para ele, de um jornalista foragido, esta indicação nos leva a assentir a maneira pela qual somos descritos na sociedade pela nossa profissão, classe social, cor da pele, etc. Stuart Hall evidencia esse fenômeno em seu trabalho, referenciamos o consecutivo fragmento,

A identidade do indivíduo está entrelaçada às identidades coletivas e pode ser estabilizada apenas em uma rede cultural que, tal como a língua materna, não pode ser apropriada como propriedade privada. Conseqüentemente, o indivíduo permanece na qualidade de portador de “direitos à participação cultural”. (HABERMAS, 1994 *apud* HALL, 2003, p.91)

A identidade da pessoa é uma das características mais importantes a respeito dela e essa identidade é construída em meio social por meio de fatores que contribuem diretamente nesse processo de amadurecimento enquanto ser humano. A argumentação de Stuart Hall versa no tocante ao quanto a sociedade é responsável pela construção da identidade do indivíduo, uma vez que o ambiente, a cultura, a língua, etc, formam o carácter da massa.

Outra justificativa para a omissão destes nomes, é que este casal não representa apenas a eles mesmos, mas a todo um conjunto de pessoas que desejam sair da Nigéria e entrar nos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida após serem vítimas de perseguição ou por questionar atos do governo. Isso reforça que o foco da narrativa não é nos problemas pessoais de um indivíduo, mas sim das problemáticas que envolvem todos os indivíduos dentro de um contexto social, o que deixa claro o quão irrelevante seria a menção destes nomes. Esta segunda interpretação pode ser reforçada ao observarmos que essa mulher protagonista “era a quadragésima oitava pessoa numa fila de cerca de duzentas...” (ADICHIE, 2017. p.67), ou seja, ela foi escolhida para exemplificar a situação passada por dezenas de pessoas, que assim como ela, almejavam migrar para os Estados Unidos da América, pelos mais diversos motivos. O dela, especificamente, era a busca de um asilo político, por sentir-se ameaçada pelas autoridades de seu país, visto que seu marido, após publicar críticas e denúncias ao governo, começa a ser perseguido por aqueles a quem criticou, resultando em uma fuga e entrada ilegal em Nova York. Ainda vele mencionar que o filho de quatro anos do casal, Ugonna, acaba sendo assassinado por homens que estavam em busca de seu pai. Inclusive, Ugonna, é o único cujo nome é mencionado, ainda que apenas para informar sobre sua

morte, em livre interpretação cabe declarar que o nome da criança ter sido revelado foi para ilustrar especificamente que ele era o elo entre casal e motivo da protagonista tentar ir para a América, e também é o motivo da protagonista desistir do propósito antigo, afinal ele não estava mais ali.

Algo que entra em evidência durante toda a narrativa é o deslocamento, a ideia de sair, (i/e)migrar³ de um lugar para outro, seja de forma legal ou ilegal. Podemos dizer que esta é uma característica que demarca os escritos da escritora Chimamanda Ngozie Adichie, uma vez que a maioria de suas produções é sobre personagens que saem da África para os Estados Unidos. Dentre estas produções, podemos mencionar “Americanah” (2013), que narra sobre a imigração da personagem Ifemelu, da Nigéria para os Estados em busca de condições para ter uma graduação sem greves por problemas políticos. Tais textos apenas reforçam a afirmativa sobre a característica de escrita da autora. Isto posto, destacamos que estas marcas diaspóricas supracitadas podem ser relacionadas ao fato de Adichie ter ido morar nos Estados Unidos. Atualmente, ela faz parte de uma geração de autores nigerianos situados na diáspora, escrevendo, em vários locais do mundo, narrativas que retratam a vida de seus compatriotas. É exatamente esta característica que possibilita a comparação do conto “A embaixada americana” com a canção “Diáspora”.

3. A CANÇÃO “DIÁSPORA”

A canção “Diáspora” foi escrita e é interpretada pelos “Tribalistas”, banda formada por Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte. Esta canção foi lançada em 10 de agosto de 2017, em um lote de canções inéditas que anunciou (sem aviso prévio) o segundo álbum dos Tribalistas. “Diáspora” é a canção de abertura de “Orfãos da Terra”⁴, uma telenovela de autoria de Duca Rachid e Thelma Guedes, estreada em abril de 2019 na Rede Globo, a rede de televisão aberta mais assistida no Brasil. Destaca-se que a música versa sobre a saga dramática de refugiados, que é o tema central da novela, que por sua popularidade entre o público brasileiro, a temática diaspórica passou a ser conhecida e discutida pelo público televisivo, e são essas questões evidenciadas na temática que podem ser observadas também no conto “A embaixada americana”.

³Sobre o termo: *Emigrar* é sair do país de origem, enquanto *imigrar* é entrar e fixar-se num outro país, os dois termos têm em comum o significado de migrar, ou seja, mudar de um lugar a outro.

⁴ Esta novela traz a história de Missade e Elias, vítimas da guerra da Síria, que fogem com os seus filhos, primeiramente para o Líbano e posteriormente fogem para o Brasil.

A canção é composta por 63 versos, incluindo o refrão, distribuídos em 13 estrofes cuja letra remete a refugiados que buscam outros países para fugir da guerra, da miséria, cujo tema, apesar de ser central nas discussões atuais, é também histórico por se tratar de acontecimentos que precedem a própria criação do termo (que será melhor discutida na seção seguinte). Alguns dos versos estão expostos aqui, com fins analíticos. “Diáspora” recupera o fio da memória dos povos que deixaram suas terras-mães na busca de um futuro: cubanos, sírios e ciganos são a metonímia de tantos indivíduos espalhados sem nação por várias regiões do mundo, enfatizando o drama vivido por eles. Isso pode ser notado no decorrer de toda a letra, mas merece uma atenção na declamação de um poema, feito em voz grave, por Arnaldo Antunes, com melodia ao fundo,

Acalmou a tormenta
Pereceram
O que a estes mares ontem se arriscaram
E vivem os que por um amor tremeram
E dos céus os destinos esperaram (versos 1 a 5).

Este trecho é uma reprodução de “O Guesa” (1858), poema aos moldes épicos escrito pelo maranhense Sousândrade o qual destaca o desespero dos migrantes, depois de se arriscarem em uma perigosa viagem até uma terra estranha, clamando aos céus por salvação terrena.

Não podemos deixar de registrar que trechos declamados são considerados marcas essenciais de canções dos Tribalistas, e é exatamente nestas marcas que a temática da diáspora pôde ser mais bem observada. Por isso, destacamos outro trecho declamado por Antunes,

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde desde então corre o infinito
Onde estás, Senhor Deus? (versos 29 a 34).

Quem aparece pela voz de Antunes aqui é Castro Alves, um poeta baiano que tratou das condições da escravidão e do período colonial brasileiro em diversas poesias, sendo a mais renomada, *Vozes D'África* (1868), de onde o excerto acima foi tirado para complementar a canção dos Tribalistas. Juntamente a essa mistura de poemas, como veremos abaixo, tem-se a letra original do trio brasileiro:

Atravessamos pro outro lado
No rio vermelho do mar sagrado
Os center shoppings superlotados
De retirantes refugiados. (versos 6 a 10)

Neste fragmento rememoramos o passado, quando os africanos que foram trazidos ao Brasil e escravizados, eram obrigados a embarcar em navios superlotados em condições desumanas, cruzando mares sem família e muitos acabavam morrendo no trajeto.

Algo interessante que é trazido pelos intérpretes, é um trecho escrito originalmente em língua inglesa, e que se repete como refrão, sendo este:

*You
Where are you?
Where are you?
Where are you? (versos 15 a 18)*

Este trecho significa “Você / Onde está você? / Onde está você? / Onde está você?” (Tradução livre), e o uso da língua inglesa pode ser relacionado ao grande número de diásporas envolvendo como país que recebe os imigrantes, os Estados Unidos, usando o advérbio de lugar *where* (onde) como uma referência ao movimento do ir a algum lugar, neste caso a América. Outra interpretação possível é esta passagem ser como um apelo ao divino, dando continuidade aos versos de Castro Alves ao clamar pela ajuda de Deus, bem como essa pode ser a voz dos refugiados em busca de alguém da família perdido em meio à movimentação do ir embora, precedendo os versos originais do trio brasileiro,

Onde está
Meu irmão sem irmã
O meu filho sem pai
Minha mãe sem avó
Dando a mão pra ninguém
Sem lugar pra ficar
Os meninos sem paz
Onde estás meu Senhor
Onde estás?
Onde estás? (versos 19 a 28)

A canção como um todo, alude a pontos da história condizentes com contextos em que as pessoas precisaram deslocar-se de suas origens em busca de paz e melhores condições de vida, após a impossibilidade de alcançá-los na terra as quais haviam nascido e vivido boa parte de suas experiências, podemos dizer que este deslocamento é o que fundamenta o título da música, e a relaciona com o conto “A embaixada Americana”.

4. ASPECTOS DIASPÓRICOS EVIDENCIADOS EM “A EMBAIXADA AMERICANA” E “DIÁSPORA”

Como foi constatado nas seções anteriores, tanto o conto “A embaixada Americana” quanto a canção “Diáspora” evidenciam aspectos diaspóricos. O termo diáspora está envolto em uma gama de significados e contextos, com origem na saga dos judeus pelo mundo, descrita no Novo Testamento⁵, conforme destaca Santos (2008), que ainda reforça:

Recentemente, tem se aplicado o mesmo vocábulo, por analogia à condição judaica, aos movimentos dos povos africanos e afrodescendentes no interior do continente negro ou fora dele. A diáspora traz em si a ideia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais. (SANTOS, 2008, p. 181)

Ou seja, o termo foi adaptado, dado que muitas grandes massas populacionais pelo mundo, em busca de trabalho ou melhores condições de vida deslocam-se de sua terra natal em uma dispersão incentivada ou espontânea, e não apenas judeus, africanos e afrodescendentes em um deslocamento forçado na condição de escravo, posto que “diáspora” dá a ideia de movimento em retirada. Sabemos que o que envolve o conto “A embaixada Americana” e a canção “Diáspora” é a temática em comum, sendo ela os aspectos diaspóricos, já apontados em cada objeto nas seções anteriores. No entanto, existem situações em que estes textos se aproximam, e outras em que eles se distanciam, como abordaremos a seguir.

4.1 Algumas semelhanças e diferenças entre os objetos analisados

Não são poucas as relações entre os objetos utilizados nesta pesquisa, mas para este momento, mencionamos apenas aquelas que melhor se encaixam na nossa proposta temática. A começar, o conto de Adichie, “A embaixada Americana” evidencia um deslocamento forçado (uma das primeiras definições da palavra “diáspora”). Destacamos que, neste conto, a autora não trabalha com a hipótese de deslocamento enquanto condição de escravidão, mas resultado de perseguição política, e/ou, até mesmo, uma essa dispersão espontânea em busca de melhores condições de vida. Nesta perspectiva, a canção dos Tribalistas, “Diáspora”, também expõe o deslocamento forçado, mas neste caso, por questões religiosas, bem como a difícil situação de imigrantes de guerra

⁵ Foi um processo de “dispersão” desse povo, que ia além da Palestina. Primeira Diáspora: iniciada em 586 a.C., quando o imperador babilônico Nabucodonosor II conseguiu invadir o reino de Judá, destruindo Jerusalém e deportando os judeus para a Mesopotâmia (alguns migraram para vários países do Oriente). Esse relato é disseminado em todas as religiões de matriz cristã pelo mundo.

ao redor do mundo, e os dias de luta dos refugiados da antiguidade (ao mencionar Fariseus e Romanos), além de também retratar a realidade dos retirantes e refugiados do presente (como, por exemplo, dos sírios), ou seja, podemos perceber um paralelo entre o passado e o presente.

Outra situação que merece destaque, é que a música faz a menção de frases em língua inglesa e nos questionamos por que não optaram por línguas nativas de imigrantes, ou quem sabe, até uma mistura das várias línguas/nacionalidades ressaltadas na canção. Retomamos que o conto em evidência foi publicado originalmente em língua inglesa, com título “*The American Embassy*”. Isso porque, sendo Adichie uma escritora africana pós-colonial, ela opta por escrever no idioma do colonizador como uma “arma”, uma maneira de mostrá-los uma parte da dispersão que eles causaram.

Neste ponto, podemos fazer uma conexão ao conto de Adichie, visto que nele, as dezenas de pessoas estão em uma fila de uma embaixada americana objetivando o visto americano, por acreditar que na “América” todos os sonhos podem ser realizados e todas as pessoas são felizes. Isso nos remete a teoria de James Truslow Adams, que discorre acerca da ilusão, ou o mito do “sonho americano”, em seu livro *The Epic of America*⁶ (1931). Sobre isso, ele afirma que tudo se embasa em um sonho, “aquele sonho de uma terra em que a vida deveria ser melhor, mais rica e mais completa para todos, com oportunidades para cada um segundo a capacidade” (ADAMS, 1931, p.214). Esta ilusão, atualmente, é reforçada todos os dias por meio das grandes mídias da *internet* e da televisão ao transmitirem um lugar maravilhoso cheio de pessoas felizes possuidoras de tudo que sempre sonharam.

Antes de finalizar, devemos destacar que as comparações deste trabalho foram feitas diante de uma interpretação possível, em meio às várias possibilidades de interpretação que um leitor pode fazer diante de análises e críticas literárias, sendo assim, estas comparações não estão isentas de discordâncias provenientes de outros leitores, ou até mesmo das autoras desta análise/interpretação, visto que este é um trabalho que proporciona muitos direcionamentos.

⁶ O épico da América (Tradução livre)

5. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em suma, é evidente a ligação entre o conto “A embaixada americana” de Adichie e a canção “Diáspora” dos Tribalistas visto que ambos abordam questões diaspóricas mesmo divergindo quanto ao contexto das situações. O tema é atual, e os autores de cada texto o expuseram de forma contextualizada e, por assim dizer, didática, dado que o conto expressa a história de uma família dispersa por questões políticas, bem como apresenta outros personagens (secundários) em busca de sair da Nigéria para os Estados Unidos, e a canção remete a questões históricas e altamente atuais relativos aos refugiados e imigrantes que vivem pelo mundo, muitas vezes resultado de questões políticas, assim como no conto, logo, a autora e os compositores se aproximam do real.

Atualmente é de essencial importância discutir a temática diaspórica, o que possibilita um paralelo com a história da humanidade e discussões pautadas nas questões provenientes da temática. Produções como o conto da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e a canção do trio brasileiro Tribalistas, ajudam na divulgação do tema e possibilitam discussões como estas apresentadas aqui, e que podem ser levadas a espaços formais e não formais de educação.

Ainda é importante destacar como as análises literárias possibilitam interpretações e posicionamentos críticos. Trabalhar com narrativas é compreender que os textos são intencionalizados, e a partir deles, podemos nos formar cidadãos críticos e contribuintes de uma sociedade mais justa e igualitária.

Este é um trabalho que não se findou (por isso intitulamos esta seção de considerações *parciais*, e não finais), visto que em análises e críticas literárias, as possibilidades se expandem, e até mesmo oportuniza outras temáticas que certamente darão suporte a pesquisas posteriores. Este trabalho ainda pode contribuir com estudantes, professores e pesquisadores em geral das perspectivas diaspóricas africanas (e de outras nacionalidades), das letras e das literaturas em geral permitindo outras hipóteses de leitura ou dando suporte à concepção diaspórica.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The thing around your neck**. Nova York. 1 ed. Library of Congress Cataloging-in-Publication, 2009.

_____. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Americanah**. London: Harper Perennial, 2013.

ADAMS, James Truslow. **The Epic of America, 1931**. Disponível em <http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/lessons/americanream/students/thedream.html> Acesso 06/09/2019 às 20h48min.

ALVES, Castro. **Vozes d'África**. São Paulo, 1868. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000010.pdf/> Acesso 09/09/2019 às 15h15min.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. **Operadores de Leituras da narrativa**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. Maringá. Eduem, 2009, p. 33-58.

HALL, Stuart. Da diáspora: **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

SANTOS, JÁ. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SOUSANDRADE, Joaquim de. **O Guesa**. London. Printed by Cook and Halsted, The Moorfields Press, E. C. 1858.

TRIBALISTAS. **Diáspora**. Rio de Janeiro: Phonomotor Records Universal Music: 2017. (4:04 min). Disponível em: <https://imirante.com/namira/brasil/noticias/2019/02/05/tribalistas-tera-musica-como-tema-de-abertura-de-nova-novela-da-globo.shtml>. Acesso em 6 set.2019.